



COMUNICAÇÃO – CONTAMINAÇÃO:

Com Dietmar Kamper, uma dialética da imunidade

COMMUNICATION-CONTAMINATION:

a dialectic of immunity with Dietmar Kamper

Danielle Naves de Oliveira¹

Resumo:

A comunicação só pode ser outra. Temporalmente, ela é sempre outra em relação a si mesma; ontologicamente, ao estabelecer fronteiras; mediaticamente, porque geradora de alteridade. Mas antes de tudo, o que faz da comunicação outra é seu compromisso com a impureza, com a porosidade e com o afrontamento de tudo o que for categórico. Isso nos faz partir do pressuposto de que a comunicação sequer é uma, mas muitas. E falar sobre ela é falar no plural. Ao pesquisador, resta a tarefa de pôr em marcha estratégias e demarcações para segui-la. No presente artigo, tais estratégias e demarcações dizem respeito ao parentesco da comunicação com uma dialética da imunidade, que opera na oscilação de pólos como próprio-estranho, doença-cura, rejeição-aceitação, poro-aporia. O fio condutor é dado por Dietmar Kamper, principalmente em seu livro *Abgang vom Kreuz* (A descida da cruz).

Palavras-chave: comunicação; contaminação; miasma; Dietmar Kamper; imagem; rastro

Abstract:

Communication can only be another. In terms of time, communication is another concerning itself; ontologically, by producing boundaries; in terms of media, it is another because generates alterity. But first of all what makes communication another (or "the Other") is its compromise with impurity, with porosity and with the confrontation of categories. It thus brings us to the presupposition that communication is even not one but several. And to speak about it is to speak in plural. The researcher in this sense has the task of appointing new strategies and demarcations to the communication problem. In the present article such strategies and demarcations concern the relation between communication and the so-called dialectic of immunity, which works by oscillating extremes like: self-strange, illness-heal, rejection-acceptation, pore-aporia. The central reference here is Dietmar Kamper's work *Abgang vom Kreuz* (Way down from the cross).

Key-words: communication; contamination; miasma; Dietmar Kamper; image; trace

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: chaos@usp.br





O imaginário é uma cicatriz que, insistentemente, se prolifera. [Kamper, 1988:39]

Trazer à aparência do discurso uma outra comunicação é desviar-se, sair de sendas já constituídas para tomar caminhos marginais. Quem quiser aventurar-se fora das tábuas de categorias, tem de considerá-las assim mesmo, ter em conta que elas nos falam de uma certa comunicação, certa demais talvez, e de suas subclassificações em meio, mensagem, emissor, receptor, sujeito, objeto, trocas, transmissão, público, privado. São como os alfinetes que espetam borboletas para colecionadores; é preciso um dia abandoná-los para buscar a vida que ainda não foi paralisada. Quando a trilha não está traçada, os sentidos têm obrigatoriamente de se aguçar, de modo que se passa a pensar com o corpo, deixando de lado a idéia e a imagem. Tomam força assim o rastrear e a disposição para estabelecer comunicações efetivas, contradizendo o princípio de que a comunicação é ordinariedade. Afinal, fora do ordinário também se comunica e é sobre isso que tentaremos falar.

No âmbito de uma comunicação entendida como porosidade, passagem fluida, há também que se pensar nas resistências aí envolvidas. Se sou atravessado pelo outro, suave ou violentamente, a cápsula da identidade é dissolvida e toma lugar o momento da mistura, da mancha, da contaminação. *Miasma* é a palavra grega para essa e outras contaminações. Eventos extremos costumam manchar: sexo, nascimento, morte - e são todos fonte de *miasma*. Contra *miasma*, ajuda somente *cathársis*, a purificação ou purgação, também arte de separar e, no limite, de constituir categorias. No entanto, entre *miasma* e *cathársis* desenvolveu-se historicamente uma sutil palheta de regulações imunológicas que atendem por nomes como rejeição, preconceito, xenofobia, sedentarismo, auto-anestesia. A saída moderna não dá conta nem da intensidade da





mistura nem do êxtase da purificação, pois nela prevalece o meio termo das medidas preventivas e dos corpos protegidos tanto contra a dor como contra o prazer.

ALERGIA-IDIOSSINCRASIA

Dietmar Kamper fala de um pensamento a ser construído como um trampolim que nos lance definitivamente fora de nosso armário imunitário. Fazer-se imune, lembra este autor, remete aos muros da Idade Média, que durante os períodos de peste serviam de proteção à população. Se bem que tal impermeabilização quase sempre falhava, pois mesmo os muros mais espessos têm suas brechas, poros abertos ao estranho. Em *A descida da cruz [Abgang vom Kreuz, 1996]* tal dialética é desenvolvida: idiossincrasia e alergia são aproximadas genealogicamente, de modo a desvelar a separação moderna que concede à primeira caráter moral e à segunda neutralidade científica. Idiossincrasia é um termo originariamente da medicina, que foi pouco a pouco tornado estrangeiro em seu meio e tomou conotação ética. Diz respeito a uma extrema sensibilidade a agentes externos e aparece como disfunção do sistema imunológico. Seu nome atual é, portanto, alergia. Manifesta-se no indivíduo, mas surge também como fenômeno social ou político:

Nos últimos tempos têm aumentado as reações idiossincráticas, que reagem como um sistema fechado diante de um ambiente que se torna insuportável. Idiossincrasia significa "mistura peculiar", assentada por hábito como forma de reação de um indivíduo que, meio consciente meio inconsciente, se confronta com ameaças na maioria das vezes percebidas apenas por ele mesmo. Se o termo for considerado de modo mais amplo, poderá se constatar que, devido a reações alérgicas e consequentemente devido ao que se entende por sistema imunológico humano, em sua acirrada resistência contra um ambiente interpretado como inimigo, de fato se formou uma frente de batalha contra a qual as pessoas tentam se blindar cada vez mais, com mais força e com novas e genuínas técnicas de encenação. [Kamper, 1996:160]

Central neste debate é a indecisão das forças que vagam entre consciente e inconsciente, próprio e estranho, vivo e morto, amigo e inimigo, guerra e paz. Para





Kamper, a idiosincrasia é ambivalente, "meio inconsciente meio consciente". É caso típico de *Unheimlichkeit*, fenômeno insólito, estranho-assustador, gerado no coração da monstruosidade e do insuportável. Por isso são necessárias técnicas de encenação, para tornar a vida tragável, ora como faziam os antigos gregos em suas tragédias, ora como fizeram os modernos, por puro cinismo. Encenar é, no limite, uma forma primordial de purificação capaz de fazer o corpo encontrar sua corporeidade adormecida:

Se é permitido confundir as dimensões de tal maneira, tanto como ato de resposta de um indivíduo a reações celulares e ao sistema imunológico, quanto ao teatro social dos processos bioquímicos, isso ainda é uma questão aberta. Afinal, no que concerne à vida, a separação asséptica já gastou há tempos todo seu repertório. É antes na confusão que se mostra uma nova legibilidade. Além disso, devido a fracassos isolados, foram dissolvidas as competências das diversas ciências, da filosofia e da arte. Empíria e reflexão transcendental formam juntas há muito tempo um novo contexto. Na literatura de pesquisa sobre o tema "reações do sistema imunológico" domina a nua e crua metafórica da guerra. Ao menos nos exemplos históricos de idiosincrasia os momentos teatrais tomaram parte. A tentativa agora é a de traduzir a metafórica da guerra numa teatralidade fundamental da vida humana, na qual age não mais um sujeito ou um indivíduo idêntico a si mesmo, mas sim o corpo humano. [Kamper, 1996:160-161]

Como metáfora, a guerra tem na metafísica da clareza e da distinção sua grande aliada. A separação amigo-inimigo prescinde de qualquer nuance, o que não é contraditório com sua raiz humanista. O inimigo sequer é um outro e por isso tem de ser reduzido ao clichê, caso contrário não se pode eliminá-lo. A partir desta premissa foram bestializados pela propaganda do Terceiro Reich não só judeus, mas todos aqueles que não correspondiam à pureza almejada. O mesmo vale para os indesejáveis do século 21: imigrantes, miseráveis, infectados, feios, obesos, mau-cheirosos, descabelados, desempregados, terroristas e mais uma imensa lista que se constitui sem nenhuma hierarquia, fundada unicamente na rejeição. Redução do vivo ao morto, do corpo ao fantasma, do imaginário à imagem.





Trocar a metáfora da guerra pela da teatralidade é para Kamper o salto mortal rumo à vida. Já desde os gregos o teatro tem a ver com a representação do insuportável. A tragédia, principalmente, trazia das profundezas os miasmas que afligiam os cidadãos: incesto, assassinatos, traições, desobediência aos deuses. E ali mesmo respondia a tais inquietações de forma catártica. No tempo dos *media* que geram imagens e aniquilam a imaginação, o palco parece ser o único lugar ainda não tomado pela abstração. Palco kamperiano, onde quem atua é o corpo - dilacerado como o deus Dioniso, em frangalhos, em dor, em desespero e êxtase. Por isso trata-se de um corpo que sente e rastreia a si mesmo, jogando com o impossível e com o insuportável. Jogando simplesmente.

O argumento aparece no contexto de uma inquietação epistemológica, quando nosso autor propõe um pensamento que seja ele próprio corpo:

Pensamento-corpo [*KörperDenken*] significa trabalhar no sem-chão, perceber o evento a partir de todos os lados e efetivá-lo numa singular existência-insistência. Pensamento corpo é como rir e chorar, comer e beber, ir, êxtase, alergia e idiosincrasia, teatro inconsciente, como o inconsciente, como a pequena morte ou fazer sexo intensamente [*Fickenwasdaszeughält*]. Pensamento-corpo funciona como máquina desejanter (Deleuze/Guattari). Pensamento-corpo é antes de tudo um padecimento, uma paixão, uma subversão da distância, além disso é contestação dos meios virtuais do longamente experimentado presente do espírito [*Geistesgegenwart*]. Pensamento-corpo não é nenhuma sensualidade militarizada e tampouco uma alternativa a qualquer auto-afirmação intelectual que, a cada momento, traz somente a si própria à baila. Pensamento-corpo também não invoca uma necessidade dos pensamentos, mas toma seus desfechos pela contingência histórica, para dali começar. Pensamento-corpo é a forma corrente do começo sob a insuportabilidade das condições sociais. Pensamento-corpo não é apoteose do início. Ele começa muito mais do abismo e assegura-se de maneira a manter abertas as sentenças que têm a ver com o ser humano. O corpo é e continua corpo fragmentado. Corpo como inteiro seria ainda uma imagem. Pensamento-corpo, por sua vez, é a-imagético, sem imagem; ele bombardeia o declínio do outro e da realidade. Pensamento-corpo é a insistência do real sob as condições da imanência imaginária, o que é uma forma muito rara da incondicionalidade. [Kamper, 1996:144]





Arruinada a ordem simbólica, palavras como história ou existência tornam-se risíveis. Mais importante que existir é insistir. Melhor que estar estar-aí (*Dasein*) é sair-daí (*Wegsein*), o que traduzido do vocabulário kamperiano, equivaleria a sair da fixidez para o movimento, da morada para o nomadismo, do abismo para o poro. "Existência tem a ver com aparecer, enquanto insistência tem a ver com desaparecer", diz Kamper, mas ambas andam juntas e por isso chamá-las agora de ExistênciaInsistência [*ExistenzInsistenz*].

NOLI ME TANGERE

A escada da abstração é cheia de não-me-toques. Em *Von Wegen* - livro cujo título pode ser traduzido por *Que nada* ou, se forçarmos o pé da letra, *Des-caminhos* - a recusa ao contato é tida como traço determinante da civilização ocidental. Civilização esta que se senta e assenta, organiza-se em imagens enquadradas, distanciando-se cada vez mais do movimento livre. É a vitória do ângulo reto sobre a curva da vida. O toque físico é fonte de contaminação, de troca de fluidos, de sujeira. Ao visitar o claustro de Elne, no sul da França, Kamper deparou-se com o bizarro aviso na entrada: "Este claustro, de oito séculos de idade, está sendo atacado por bactérias em centenas de suas partes. O amor às velhas pedras do claustro incita frequentemente a acariciá-las. Esse gesto pode ser fatal: você pode transportar bactérias de um ponto infectado para um outro ainda são e contribuir, assim, para a destruição daquilo que você ama" [1998:46]. Trocando em miúdos, a advertência supracitada reflete o receio de que a sujeira mundana penetre um ambiente sagrado.

E não é somente em lugares declaradamente santos, ascéticos ou assépticos que acontece a interdição ao toque. Palavras de ordem como "não mexa", "não pegue", "não encoste", "tire a mão", "proibido tocar" estão expostas por todas as partes e não suscitam nenhum questionamento. Todos obedecemos. Ou se desobedecemos, fazemos às escondidas. Por trás dessa disseminada assepsia, observa Kamper, está o *Noli me tangere*





[não-me-toques] bíblico, mais precisamente no momento em que Jesus, já morto, aparece para Maria Madalena. No capítulo "Crítica à abstração da imagem no Ocidente", Kamper recupera a seguinte passagem do livro de João:

E Jesus falou com ela: "Mulher, por que choras? A quem procuras?" Pensando ela que se tratasse de um jardineiro, disse-lhe: "Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o colocaste e eu o levarei". E falou Jesus: "Maria!". Ela virou-se e disse-lhe: "Raboni!" (que significa Mestre). Falou-lhe então Jesus: "Não me toques, porque ainda não subi ao pai". [Bíblia, *João*, 20:15-17; *apud* Kamper, 1998:48]

Quando diz "não-me-toques", Jesus já não é mais um corpo e sim um morto, comenta Kamper. Caso fosse tocado por Maria Madalena, mulher "acostumada ao toque" e a carícias mundanas, seria impedido de subir aos céus:

Ele já era uma imagem, mas inda inacabada. "Subir ao pai" significa tornar-se uma imagem acabada. A palavra tornada carne é assim invertida em carne que se torna palavra e imagem. Ela [Maria Madalena] não o reconhecia mais, visto que sua percepção destinava-se a corpos e não a imagens. Somente quando ele falou-lhe, então o reconheceu. E na condição de Mestre por ela reconhecido, dá ele a proibição de toque, e para todo o sempre. [1998:48-49]

APARTAR E JULGAR

Kamper traz também em *Von Wegen* o debate da segregação e da partilha. Para tal, alia-se ao incontornável texto de Hölderlin sobre o julgamento. Não é demais lembrar aqui que ambos os autores, cada qual em sua dimensão, tratam com finura a língua para a qual nasceram: tiram as palavras de seu uso cotidiano para introduzi-las numa nova linguagem, que na verdade é linguagem muito antiga. Kamper inicia o capítulo "Parte e contra-parte" dizendo que "em tempo de necessidade é apropriado repartir" [1998:62]. Mas só se reparte o que se tem, diz ele, e sob o ônus de o repartido jamais retornar à integridade inicial. Assim, mostra que há falácia neste raciocínio, pois não existe nenhuma





inteireza do objeto e tampouco do sujeito, que se pretende a altos custos in-divíduo e incorruptível.

A desconstrução da certeza metafísica era já Hölderlin questão capital. O poeta de Tübingen escavou na língua alemã que julgar [*ur-teilen*] é realizar a separação [*teilen*] primordial, no sentido mais profundo e radical do termo. Trata-se da única separação que conta: a que se dá entre sujeito e objeto, a que acaba de uma vez por todas com o indiferenciado e estabelece a primeira fronteira, em resumo, a que faz a passagem do caos para o cosmos. Para apaziguar esse mal-estar e sair do imbróglio ontológico, Kamper não propõe nenhuma teoria, mas dá a si mesmo como experimento. Lança-se em oposição ou contraparte [*Gegen-teil*] :

A verdade da contraparte é dupla: o todo não é para mortais, mas se pode participar dele parcialmente. *Pars pro toto* [parte pelo todo] : isso não significa apenas que o individual se repete gradualmente (como está a mão para o rosto e, o rosto, para o corpo), mas também que se precise tomar a parte em vez do todo. Tomar parte, no sentido mais profundo do termo, significa tomar o partido da parte contra o todo. Tal divisa, que se deve primeiro aprender, poupa todos os participantes do ridículo que é um modo de vida invertido, na verdade um modo de morte que se pretende o máximo da normalidade. [...] Oposição como participação [*Gegenteilen als Teilnahme*] revela-se na verdade o contrário da dominação que vem acompanhada das partes, em suma um outro jogo de linguagem e de pensamento. [Kamper, 1998:66]

Oposição ao que segrega, julga e depois tenta reunir pedaços como num Frankenstein. Oposição ao destino das imagens. Esse novo jogo de pensamento faz lembrar que antes de haver fronteira tudo é imediato, ou seja, nada precisa de mediação. A mídia ou meio, deste modo, é pura consequência de um pressuposto metafísico; vem somente unir o que foi separado. Para Kamper, o medial reforça e aumenta monstruosamente a barricada imunológica atual que, no limite, é uma barricada do espírito que reina através de signos: "O imaginário da mídia seria assim - surpreendentemente - platônico, cristão, cartesiano" [1988:74].





PERCEPÇÃO DIABÓLICA

Nem munido nem imune, aquele que aceita existir-insistir também tem de efetuar uma outra comunicação. A começar pela apreensão do outro: "A percepção é fundamentalmente diabólica, rasga, atravessa a pele, está perto das coisas, perto demais para ser sequer teórica" [1996:126]. À percepção, que muitas vezes opera na fronteira do impossível, só cabe perceber - portanto não pode conceituar. Mais uma vez Kamper se move por um território sem-chão, numa espécie de catástrofe sísmica das imagens: o mundo arruinado pela abstração, num cenário em que o corpo transformou-se em fantasma, não responde à leitura simbólica. Simplesmente não existe mais nenhuma ordem simbólica a seguir. Diante do fantasmático, mesmo monstruoso, resta apenas perceber diabolicamente.

Monstrum é o que se mostra. Logo, uma imagem - que se pretende imortal e cuja conseqüência é a confusão entre vivo e morto. "Aquele que não consegue diferenciar se algo (uma coisa, um humano, uma arte, uma ciência, uma religião, uma ética) está vivo ou morto, cai desesperadamente no *Unheimlich* [terrífico]. O mundo aparente, no fundo da percepção, revela-se monstruoso." [1996:73]

A monstruosidade, portanto, faz-se perceptível não pela razão, mas sim pela imaginação: por imagens criadas ou recriadas endogenamente e, talvez por isso mesmo, assustadoras. Estão presentes desde sempre, sendo ao mesmo tempo familiares e estranhas, enfim *unheimlich*. Operam na oscilação entre o novo e o repetido, o aqui e o lá, o fora e o dentro. Kamper diz poeticamente que "monstros são máscaras do outro num mundo do mesmo." [1995:149] O problema maior é, quando pelos caminhos irreversíveis da técnica, a "monstruosidade entra explicitamente em jogo e não mais desaparece do plano das imagens [*Bildfläche*]." [1995:150] Uma pequena chave para chegar a esse epicentro está no conceito de *Unheimlich*, o estranho-assustador, o terrífico próprio da





condição humana que desde Sófocles dá pistas a pensamentos descentralizadores. Kamper faz menção ao *Unheimlich* com foco especial sobre sua interioridade, seu caráter literalmente cordial. Além disso, a questão tange as vias tortuosas da dialética:

Com a interposição deste tema, há um outro lado da dialética usual a ser apontado. O *Unheimlich* não é dialetisável. É algo que irrompe do secreto, que arrebenta de dentro para fora como uma ferida supurada. É preciso fortalecer o receio de que a dialética do pátrio e do estrangeiro, bastante tematizada recentemente tanto como discussão quanto experiência, encobre ou substitui um problema muito pior, já que a partir dela nenhuma erva cresceu no jardim da razão. Contanto que o estranho mantenha-se possível como solo de ressonância para o próprio, como contra-imagem do si, como pólo que se coloque em uma silenciosa complementaridade, sobreviverá a base de tal debate que desde o Romantismo a Europa claramente acompanha e protege. O pior é que, sendo a homogeneidade do mundo a imanência sem alternativa de um princípio único, permite-se o auto-ocultamento das atuais discussões acerca do próprio, do estrangeiro, da propriedade cultural e da alienação política. Assim, o que acontece no interior do sistema torna-se explicitamente oculto através desta impermeabilização e encapsulamento. [1995:178]

Impermeável o mundo, não sobram muitas alternativas para a percepção. O monstruoso é erroneamente tomado como algo vindo de fora, um alienígena, *xenos* na acepção mais própria do termo. Mas não é bem assim. A dialética do *Unheimlich* secreta lentamente o conteúdo de trocas perversas. Kamper explica: "O *Unheimlich* provém da troca entre o vivo e o morto, mais precisamente, do fracasso dessa troca. O lugar de seu surgimento não é a margem, mas o centro; por assim dizer: o coração humano." [1995:179] Isso iria contra uma mentalidade corrente, que defende que as vítimas da história empreendem uma marcha que sai da periferia rumo ao centro do poder. O que é no mínimo um equívoco de perspectiva, revelando um despreparo geral para o perigo. O que leva Kamper a afirmar: "Definitivamente, o perigo não vem de fora, mas sim aninhado no foco do si, no foco da humanidade do homem, no foco do humanismo europeu." [1995:179]





Torna-se cada vez mais difícil decodificar os acontecimentos. Os traços dialéticos presentes nas discussões sobre estrangeiridade, território, fronteiras terminam por abolir o outro. E não só: não havendo mais alteridade, toma lugar "uma apoteose do mesmo no espaço interno da mente, que não serve mais para a leitura do que acontece hoje." [1995:179] Não há mais como tratar tais problemas, segundo Kamper, nos termos da propriedade e da alienação; e os homens não são mais capazes de compreender (ou nunca foram?) o que eles mesmos fizeram. Eles têm medo de habitar a própria imaginação, pois esta se tornou monstruosa. No entanto, aqueles que tiverem coragem, saberão que os "monstros são - e significam - expoentes e sentinelas do imaginário." [1995:185] E a única forma de chegar ao seu fundo é recuperar os movimentos, dar nova vida ao corpo: "Quem ficar sentado, não pode constatar se, sobre a tela que dissimula o horizonte, são erigidas pontes que levem para o outro." [1995:178]

Trata-se de um caminho sem retorno. O homem, ao comer do fruto da árvore do conhecimento, abandonou definitivamente o paraíso. Não poderia ser diferente: "A partir daí, o paraíso se tornou um lugar pequeno demais para ele, entediante demais." [1995:178] Mas tal abandono nos deixa a todos numa situação de permanente estranheza: sabemos que o paraíso não é mais o nosso lugar, mas guardamos dele a nostalgia. É por isso que, ainda hoje, há aqueles que se empenham inutilmente em recuperar o paraíso perdido. Mas tal procura, como bem define Kamper, "envenenou a história do mundo e espalhou infernos em todos os lugares onde o antes havia paraíso." [1995:178] Descobrir esses segredos tão originários quanto o primeiro pecado exige o esforço de uma viagem: "O *Unheimlich* interior, desfiladeiro do coração, abre-se e dá o preço de seu segredo." [1995:178] Nisso ajuda somente a percepção diabólica, diz Kamper, cujo momento é o da estética no sentido grego de *aisthesis*, percepção como paixão, atravessamento que, no fim das contas, acaba sendo confundida pelo senso





comum com distúrbio de comunicação. Ora, não terá sido esta uma verdadeira comunicação?

MANCHA E CRUZ

O termo miasma não faz parte do vocabulário kamperiano. No entanto, aparece no rastro da imunidade e de outros debates. Kamper aproxima em sua obra a seguinte família de palavras: *communis*, *immunis*, *munire*, que originam respectivamente comunicar, imunizar, munir. Pensamento enredado em si próprio, só se torna inteligível se considerado a partir de suas várias pistas conceituais: pensamento-corpo, idiosincrasia-alergia, existência-insistência, percepção diabólica, monstruosidade, sonho, catástrofe sísmica das imagens, abismo. Pistas ainda marginais, visto que o eixo de todo esse pensamento não foi sequer aqui mencionado: o cruzar da cruz, *chiasma* grego. Este sim é o ponto culminante da peregrinação de Kamper pela escadaria da abstração, escadaria descendente, rumo aos subterrâneos da imagem. Mas isto é assunto para uma próxima vez.

Rerências Bibliográficas

KAMPER, Dietmar (1988). *Hieroglyphen der Zeit. Texte vom Fremdwerden der Welt* [Hieroglifos do tempo. Textos sobre o estranhamento do mundo]. München: Hansen.

_____ (1995). *Unmögliche Gegenwart. Zur Theorie der Phantasie* [O presente impossível:

sobre a teoria da fantasia]. München: Wilhelm Fink.

_____ (1996). *Abgang vom Kreuz* [A descida da cruz]. München: Wilhelm Fink.

_____ (1998). *Von Wegen* [Que nada]. München: Wilhelm Fink.

_____ (2001). *Horizontwechsel* [Mudança de horizonte]. München: Wilhelm Fink.





Textos de apoio

FOUCAULT, Michel (1972). *Histoire de la folie*. Paris: Gallimard. (1975). *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard.

_____ (1976). *Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir*. Paris: Gallimard.

PARKER, Robert (1983). *Miasma: pollution and purification in early greek religion*. Oxford: Oxford Press.

Texto recebido em 03 de Abril de 2009

Text received on April 03, 2009

Texto publicado em 01 de maio de 2009

Text published on May 01, 2009

